

## UM REPTO AO NOVO PAPA

João Paulo II foi um homem do seu tempo. Sua *presença*, na conotação mais densa subjacente ao conteúdo conceitual do termo, se expandiu do âmbito físico, através de suas inúmeras viagens, até o humanamente possível em termos espirituais. Espiritualmente no que se ateu à Revelação, com a venerável humildade de sua expressão de amor. Espiritualmente no que se ateu a Razão, com a serena argúcia da contemporaneidade integral de seu pensamento. Foi assim em dezembro de 1987, quando através da Carta Encíclica Sollicitude Social – Sollicitudo Rei Socialis – antecipou o cenário descrito por Eric Hobsbawm em sua obra *A Era dos Extremos*, publicada somente em 1994. Ali, com atuante atualidade, o Papa do Amor estigmatizava a existência da guerra fria através da existência... de dois blocos contrapostos... de Este a Oeste... “...o capitalismo liberalista e o coletivismo marxista.” (Sollicitude Social – Ed. Paulinas – 1988 – 21 – pág.35/36). Neste diapasão contestava os efeitos destrutivos da guerra fria sobre os países emergentes denunciando o efeito interativo advindo do processo da incipiente globalização, tais como a desestabilização dos mercados, o agravamento da dívida pública, o processo de desestabilização econômica e o gradativo desemprego, etc. Antecipava assim, o cenário descrito por Joseph E. Stiglitz em sua obra *A globalização e seus malefícios*, publicada somente em 2002. Com o mesmo efeito da autoridade da moral que Reinhart Koselleck, em *Crítica e Crise*, atribuía a Turgot, seja que... a legitimidade moral é, por assim dizer, o esqueleto invisível sobre o qual a sociedade se ergueu... fez verdadeiro o aforisma ali exposto: “Diretamente apolítica, a sociedade quer reinar indiretamente, pela moralização da política.” (Koselleck – opus citae – Ed. Contraponto – 1999 – RJ – fls. 128) Solidificou assim, ainda mais, a imagem e a vocação da Igreja como depositária dos princípios que devem contribuir para plasmar, no plano axiológico, um norte moral para a conseqüente práxis política.

João Paulo II foi mais além pois revisitando o tema da Fé e Razão já abordado por Santo Agostinho, através de sua visão Platônica, resgatava a Patrística no que possibilitava, segundo suas palavras, a conclusão que: “Uma razão purificada e reta era capaz de se elevar aos níveis mais elevados da reflexão, dando fundamento sólido a percepção do ser, do transcendente e do absoluto.” (Carta Encíclica – *As Relações entre Fé e Razão* – Edipucrs – 1999 – fl.48) Reforçava assim a introdução da Encíclica *Fides e Ratio* que trazia como leit motiv o brocardo do Templo de Delfos: “Conhece-te a ti mesmo”. Não sem razão este tema se inseria no início da discussão que gradativamente incorporava o contributo de Santo Tomás de Aquino, estrela do pensamento escolástico, que embasado na escola peripatética retratava o racionalismo de Aristóteles. (*Fides e Ratio* – opus citae – fls. 50,52,66,68,84). Colocando com maestria o largo terreno que contrapõe o aparente paradoxo entre Infinito e Finito e respectivamente, sua Revelação e Intelecção, advertia sobremaneira para a complementariedade entre Fé e Razão na elucidação do mistério que se abisma no ósculo, respectivo, entre o imponderável e o ponderável. O primeiro, através da Revelação, o segundo através da Ciência (Razão). Para o Santo Papa, se a razão necessitava da sua purificação através da fé, da mesma forma a teologia necessitaria da filosofia, como interlocutora, para verificar a inteligibilidade e a verdade universal das suas afirmações. (*Fides e Ratio* – opus citae – fls. 82,83) Presente ali a problemática discussão da Bioética, frente aos avanços da Ciência, que traz em seu bojo os temas atuais das Células Tronco, da Eutanásia, dos Transgênicos, dos Transplantes, etc. A atuação diuturna do pontificado de João Paulo II traz, sem sombra de dúvida, um repto a atuação do novo Papa: Manter-se *presente* como o foi o Santo Padre.

Professor Sérgio Borja – Professor de Direito nas Faculdades da UFRGS e PUC/RS